

O mundo vive e prospera graças à bênção dos justos, à oração de piedade, esta oração de piedade que o santo, o justo, o intercessor, o sacerdote, o Bispo, o Papa, o leigo, qualquer batizado, eleva incessantemente pelos homens, em todos os lugares e épocas da história.

Papa Francisco, Audiência geral, 17 de junho de 2020.



# Boletim de Espiritualidade

1 JULHO 2020  
Ano VII Nº 71

71



## Agenda julho 2020

- 2 **Braga** – *Espiritualidade e a Arte na transformação do tempo e do espaço* – Mário Cláudio
- 3 a 5 **Ávila** (CITEs) – *Silêncio e vida quotidiana* – Fco. Javier Sancho
- 4 **Braga** (Casa da Torre) – *Diário espiritual*
- 6 **Fátima** (Santuário) – *Recoleção com P. Joaquim Augusto Nunes Ganhão*
- 6 **Braga** – *O lugar da Arte. O lugar da poesia e da pintura. O lugar da Vida* – Adelino Ascenso
- 8 a 10 **Fátima** (Santuário) – *Curso: Fátima e a Arte. O Santuário, a Iconografia, a Cidade e a Museologia*
- 9 **Braga** – *Aprendizagem e competências comunicacionais por meio das arte* – Luís Miguel Cintra
- 12 a 18 **Avevadas** – *Retiro para Religiosas e Leigos – Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe* – Alpoim Portugal
- 20 a 24 **Fátima** (Santuário) – *Retiro orientado por P. Nuno Miguel dos Santos*
- 29 a 31 **Ávila** (CITEs) – *Sentido da vida em Tempos de Crises* – Maribel Fernández
- 31 a 2Ago **Fátima** (Santuário) – *Retiros da luz: Tempo Comum*

## Agenda agosto 2020

- 3 **Fátima** (Santuário) – *Recoleção com P. José Augusto Leitão, SVD*
- 3 a 8 **Avevadas** – *XXI Jornadas de Oração – A nossa filiação divina*
- 9 a 16 **Ávila** (CITEs) – *Sentido da vida em Tempos de Crises* – Maribel Fernández
- 24 a 28 **Avevadas** – *XXXVI Semana de Espiritualidade – Somos Todos Filhos de Deus*
- 26 **Fátima** (Santuário) – *Conferência: Lúcia, uma vida plena de Luz* – Ângela Coelho

Revista “San Juan de la Cruz”, em formato digital e de livre acesso



## Conversão interior para uma ecologia integral

VIII Congresso de Espiritualidade



Neste Congresso de Espiritualidade, as instituições Carmelitas que organizam o evento, pretendem ir à raiz mais profunda da ecologia, querendo identificar as feridas e ruturas presentes no coração humano e que estão na origem da crise ecológica com cenários preocupantes diante de nós. Diz o Papa Francisco: «antes de tudo é a humanidade que precisa de mudar. Falta a consciência de uma origem comum, de uma recíproca pertença e de um futuro partilhado por todos. Esta consciência basilar permitirá o desenvolvimento de novas convicções, atitudes e estilos de vida. Surge assim um grande desafio cultural, espiritual e educativo que implicará longos processos de regeneração» (*Laudato Si*, 202).

### CONFERÊNCIAS

- I. *Um olhar científico sobre ecologia e espiritualidade* – Dra. Margarida Zoccoli, Inst. de Ciências Sociais da UL
- II. *O ser humano como guardião da criação* – D. António Couto, Bispo de Lamego
- III. *A cura interior para a ecologia integral* – Pe. Eduardo Acosta, OC
- IV. *O perdão e o bem-estar psicológico e social* – Prof. Félix Neto, Faculdade de Psicologia da UP
- V. *A conversão cristã no caminho da reconciliação* – Pe. Francisco Campos, SJ
- VI. *São João da Cruz, mestre de ecologia interior* – Pe. João Rego, OCD

### WORKSHOPS

- 1º *Mudança de comportamentos para uma ecologia saudável* – Casa Velha – Vale Travesso, Ourém
- 2º *O património espiritual e o respeito pela criação* – Textos selecionados dos Padres da Igreja (Seleção do Prof. Alexandre Freire Duarte, UCP)

Possibilidade de participação presencial ou online



# O amor e as palavras: Platão e Jesus

Armindo Vaz, OCD

A canção italiana de 1972 atirava para o ar a questão batida: «– Perché il mondo va? – Perché intorno al mondo gira l'amore». O amor é que põe o mundo em movimento. Tal pensamento já contava com a concordância da máxima medieval: «Os sábios caminham, os justos correm, os enamorados voam». E se do fim da Idade Média retrocedermos 1500 anos, aprendemos de Platão que uma expressão do Amor é a energia que percorre a vida do mundo, constituindo a rede das suas relações e dos caminhos de possível reencontro com o Bem. Só o amor – com as suas ramificações e encruzilhadas – é capaz de mover o ser. Só o amor consegue preencher todas as possibilidades de ser. Segundo Platão (no discurso de *Fedro*, 178-180b), o sentimento que guia toda a vida dos humanos pelos critérios da bondade é inspirado, não pelo poder, pela riqueza ou pela honra, mas pelo amor. A bondade, abertura incondicional a fazer o bem, coloca-nos para lá do *ser em si*: realiza o *ser para os outros*, prolonga o meu ser até ao outro, enriquecendo-o e enriquecendo-me a mim ao sentir-me aceite por ele. De facto, numa sugestiva produção artística, Platão, imaginando miticamente a origem do Amor-Eros, conta que é filho de *Pobreza (Penia)* e do deus *Engenho (Poros)*: por um lado, é pobre, indigente, inculto; mas, pelo lado do pai, é ousado, caçador astuto, ávido de sabedoria, rico de recursos e enamorado do saber, engenhoso e encantador, com expediente para anular e superar o estado natural de *Pobreza*, num movimento do ser que visa alcançar a perfeição possível (*Banquete*, 203c-d-e). É o Amor-Eros antes da sua eventual perversão ou desumanização. Mas os gregos tinham mais palavras para designar outras valências da incomensurável riqueza do amor, impossível de *dizer* numa palavra só. As principais são: *filia* (amor de amizade) e *agápe*, que atinge o máximo de gratuidade, não escolhe a quem amar mas ama desinteressadamente quem precisa de ser amado.

Das muitas palavras que *dizem* o amor, a fé bíblica privilegiou *agápe*, pouco usada no grego clássico (Bento XVI, *Deus caritas est*, 3-8). Define o próprio Deus (1Jo 4,8.16). E supõe que o Amor é eterno, em Deus. Tornou-se humano na pessoa de Jesus: “Tanto amou Deus o mundo que lhe deu o seu Filho unigénito” (Jo 3,16). A partir daí, porque Jesus era plenamente homem, o amor humano (o dele) era também divino: pôs o mundo a girar com outra força. Se já em Platão o Amor nos humanos faz com que todos participem do Bem, para Jesus o máximo bem é a vida: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). Por isso, “só os que amam aceitam morrer pelo outro” – dizia Platão (*Fedro* 179b). Jesus concorda: “Eu [o Bom Pastor] dou a minha vida pelas ovelhas” (Jo 10,11.15). “Por isso me ama o Pai: porque dou a minha vida” (Jo 10,17). O dom da vida/ser é a marca e o critério do amor.

O Amor gera o amado, não enquanto pessoa mas enquanto pessoa *amada*: fá-lo ser ele próprio, dá-lhe vida, dá a vida por ele, «quer que ele seja» e contribui para isso. Este dom de vida não se traduz apenas numa liturgia dramática de



morrer imediatamente pelo outro: acontece ao viver a vida própria ao serviço da do outro; é um dom continuado até à morte: “Jesus, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (Jo 13,1).

O ser e agir do Amor, que Platão expôs magistralmente nas pautas de uma partitura, foi executado perfeitamente por Jesus, revelando nas últimas horas o segredo que pautou a sua vida: que ela é dom. Platão disse, Sócrates fez, aceitando morrer pela sua cidade amada, Atenas. Jesus disse e fez: “Como o Pai me amou também eu vos amei a vós” (Jo 15,9). “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo 15,13). “Não amemos com palavras nem com a boca mas com obras e verdade” (1Jo 3,18): as palavras voam, o amor arrasta. O amor provado é que constitui o absoluto de uma vida, porque *amar* é sinónimo de *ser*: é um verbo defectivo que idealmente só se conjuga no infinito presente; no instante em que deixo de amar, deixo de ser.

O amor não é autocentrado, não tende a satisfazer o desejo do próprio que ama, mas é desejo de bem para o amado. É movimento *altruísta*: faz irradiar o bem de si próprio para o *outro*: “Amai-vos uns aos outros *como eu* vos amei (Jo 15,12)”. Se, assim, o amor for recíproco, quando o amado ama quem o ama, é amor perfeito, retribuído: circula. Transforma em sinfonia a sintonia entre duas pessoas que se amam. Precisamente nisso está a grandeza do Amor: no difundir o Bem. Se «o Ser e o Bem são convertíveis», o Amor difunde o Bem activamente: ao amar, dá o Ser, é criativo e recreativo: “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida *pelos* seus amigos” (Jo 15,13). É esta a lógica do *maior amor*: não tem nem pode ter outra. A morte ideal do seguidor de Jesus (com o acordo de Platão) será, não simplesmente morrer, mas «morrer *por...*», por alguém, mesmo no turbilhão de uma pandemia cega, surda e absurda, se tal morte for inevitável.

# Espiritualidade, Arte e Poesia

Ciclo de conferências

## ESPIRITUALIDADE, ARTE E POESIA

O ser humano procura o que está ao longe.



A Pastoral da Cultura da Arquidiocese de Braga está a organizar mais um ciclo de conferências, desta vez em formato de videoconferência, durante os meses de junho e julho, em parceria com o Centro Regional de Braga da Universidade Católica, intitulado "Espiritualidade, Arte e Poesia: o ser humano procura o que está ao longe". Dividido em seis sessões, este ciclo contará com a presença de distintos oradores, que preencherão com experiência e sabedoria todos os encontros desta formação. A sessão do dia 2 de julho será dedicada à *Espiritualidade e a Arte na transformação do tempo e do espaço*, com o escritor Mário Cláudio. A quinta sessão, a 6 de julho, terá a presença do sacerdote e pintor Adelino Ascenso para refletir sobre O lugar da Arte. *O lugar da poesia e da pintura. O lugar da Vida*. Na sexta e última sessão, a 9 de julho, contará com a presença do ator e encenador Luís Miguel Cintra, que encerrará o ciclo de conferências refletindo sobre a *Aprendizagem e competências comunicacionais por meio das artes*.

## XVII Rumos: encontro para jovens

Fátima, 4 a 7 de setembro 2020



Os Carmelitas Descalços vão realizar um novo encontro *Rumos*, entre os dias 4 a 7 de setembro de 2020, em Fátima. Este evento conta com a participação de jovens em processo de clarificação e opção vocacional. Orientados por uma equipa formada pelos diferentes ramos do Carmelo: dois casais, uma religiosa, um sacerdote e dois animadores, estes jovens poderão desfrutar de um acompanhamento personalizado, de forma a serem ajudados a ler os sinais que em cada um vão surgindo para uma das grandes vocações: matrimónio, sacerdócio, vida consagrada ou vida laical. Os jovens, com a ajuda destes encontros e do acompanhamento personalizado que a equipa orientadora se dispõe a fazer, vão fazendo o seu caminho de descoberta vocacional a fim de darem passos seguros em ordem a uma opção de vida.



## Os olhos e o coração

Pensamentos 3

Santa Teresa de Lisieux



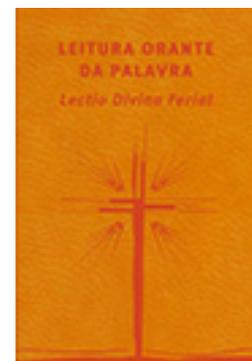
Surpreende-nos a abundância de escritos de santa Teresa de Lisieux. Jovem, mística, entusiasta, profética, semeou «pensamentos bem profundos» que, desde a

infância, habitavam com agrado o seu coração. Nesta antologia, recolhemos o que consideramos como a seiva dos escritos de Teresa. A seu modo, estes textos formam uma síntese da mensagem teresiana e uma ajuda para a oração. Teresa ensina-nos a amar como pobres; é o seu «pequeno caminho» de desejo e confiança alegre. (...) Sim, estas páginas têm uma pretensão, que Teresa profeticamente sonhava: renovar a nossa fé quando lutamos por encontrar a Deus e nos afligimos de não poder amar como manda o coração.

Publicação: Edições Carmelo

## Leitura Orante da Palavra

Lectio Divina Ferial



A obra que em feliz iniciativa, o autor, Manuel José Marques, e o Secretariado Nacional de Liturgia decidiram publicar, em 1824 páginas, apresenta a *Lectio Divina Ferial* para todos os Tempos

Litúrgicos: Advento, Natal, Quaresma, Tríduo Pascal, Tempo Pascal e Tempo Comum. Inclui também propostas para o Santoral e em "Apêndice", apresenta de modo mais desenvolvido, a *Lectio Divina* a partir da parábola do Pai Misericordioso. Cada *Lectio Divina*, inicia pela apresentação do texto litúrgico (Primeira leitura e Evangelho), depois desenvolve o encontro com a Palavra de Deus em quatro momentos: "Compreender a Palavra"; "Meditar a Palavra"; "Rezar a Palavra" e "Compromisso com a Palavra". No Santoral, o autor inicia a proposta de cada *Lectio*, com uma breve síntese biográfica do Santo, Santa ou Santos a celebrar, e quando necessário apresenta com brevidade o contexto litúrgico/pastoral da celebração.

Publicação: Secretariado Nacional de Liturgia



# Espiritualidade cristã em tempo de isolamento

Card. José Tolentino Mendonça

Uma espiritualidade em tempos de pandemia, o que é, ou melhor, o que pode ser? Porque, no fundo, estamos no improviso. É interessante que, muitas vezes, na coreografia, na dança, se usa o improviso; não gostamos muito, porque preferimos uma vida conduzida por um guião; um improviso faz-nos viver o aberto; e para começar a falar do que é a espiritualidade em tempos de isolamento provocado pela pandemia, tenho de dizer isto: o futuro chegou de supetão, o futuro chegou achan-do-nos impreparados. Nenhum de nós sabe como lidar com esta situação. Sentimo-nos, todos, mais vulneráveis, mais precários.

À primeira vista, dizemos: aquilo que nos aconteceu é uma distopia; é uma calamidade; é o contrário da graça. E, contudo, em termos de fé, temos de olhar para este *cronos*, que parece devorar a nossa força e a nossa esperança, como a possibilidade de um *káiros*, a possibilidade de uma graça.

Este é um tempo de *kénosis*, de esvaziamento, um tempo de silêncio, um tempo em que, talvez, sintamos uma incerteza muito grande, um tempo de crise, um tempo em que parece que a vida vem menos. Um tempo precário.

Mas eu lembraria que a mesma raiz etimológica aproxima as duas palavras: *precare*, rezar, em latim, e *precarium*, o destino daquilo que é frágil. A espiritualidade não se constrói com a força. Jesus ensinou-nos isso com o mistério da sua Páscoa. Porque tudo tem de passar pelo mistério da cruz. E, por isso, este tempo, que parece só de calamidade, temos de o interpretar de um ponto de vista teológico e espiritual como um tempo de graça. Como é que este pode ser um tempo de graça? Na oração que o papa organizou, na praça de S. Pedro, sexta-feira [27 de março de 2020], que muito nos impactou, ele escolheu ler o texto do Evangelho da tempestade acalmada. E no meio da tempestade, os discípulos perguntam a Jesus: Senhor, não te importas que morramos? É uma pergunta. E este é o tempo das perguntas, e das perguntas fundamentais. Se eu tivesse de sublinhar um ponto muito positivo desta experiência exigente que estamos a viver, é a qualidade das perguntas que escutamos. É como se vencêssemos a banalidade, e as perguntas que ouvimos fazer uns aos outros são muito mais intensas, muito mais carregadas de sentido.

É curioso que aqui, em Itália, no início da pandemia, abriam-se gabinetes de apoio psicológico. E muitos idosos telefonavam, dizendo isto: eu não consigo rezar. E, de facto, este começou por ser um tempo em que parece que não era possível uma vida espiritual. Depois, descobrimos o contrário: que este tempo é de uma grande intensidade espiritual. E qual é o termómetro para perceber isso? São as perguntas, a radicalidade, a força das perguntas fundamentais que estamos a fazer.

Pegando no discurso do papa, há que dizer a verdade: não é a pandemia que nos adoeceu; nós já estávamos



doentes. A pandemia descobriu, revelou, uma doença, que são, no fundo, os nossos estilos de vida, onde já não há lugar para o humano, não há lugar para o encontro, não há lugar para o transcendente, não há lugar para uma vida interior rica, digna desse nome, não há lugar para uma oração. Tudo é cronometrado, tudo passa pelo taxímetro.

Tenho um casal amigo - e é muito belo ouvir as histórias que se passaram nas famílias, porque, de certa forma, uma das coisas que este isolamento trouxe, é a redescoberta da família. Pela primeira vez muitos casais, muitas famílias, passaram juntas um tempo de qualidade como não passavam há muitos anos, ou como nunca tinham passado - no qual um menino de cinco anos, à mesa, disse isto: eu acho que percebo o que estamos aqui a fazer; estamos aqui a criar memórias. Por vezes as crianças são antenas que nos ajudam a perceber o que estamos a fazer.

Este é um tempo de graça, é um tempo para a graça, é um tempo de maior gratuidade, e é um tempo para criar. Não é só um tempo para “descriar”; não é só a passividade, não é só o não fazer; é um tempo propício, oportuno. Por isso, há aqui um chamamento a modelar o tempo do ponto de vista da fé.

Um dos princípios que o papa Francisco repete muitas vezes é: o tempo é superior ao espaço. Parece uma sentença muito filosófica, e que não tem uma leitura fácil, imediata. Contudo, neste tempo de isolamento social, percebemos isso: o tempo é superior ao espaço. Aconteceu uma espécie de recuo.

A mística judaica fala numa espécie de “tzimtzum”, parece uma coisa brincada. O “tzimtzum” é uma coisa inventada a partir das leituras da Cabala, segundo a qual Deus, para poder criar, teve de dar um passo atrás, teve de se despojar de si mesmo para poder criar. Esta ideia foi retomada por autores tão importantes na segunda guerra mundial como Simone Weil, que disseram, precisamente: o tempo da catástrofe parece um tempo em

que Deus recua, dá um passo atrás; contudo, é um tempo para descobrirmos o Deus da ternura, o Deus da misericórdia, o Deus próximo, o Deus comprometido com a pessoa humana, o Deus que está ao lado da vítima, ao lado do que sofre; porque o próprio Deus vive este recuo.

É uma ideia curiosa, que nos deixa a mística judaica, e que nos ajuda a pensar o que está a acontecer com o espaço; está a acontecer o nosso "tzimtzum", damos um passo atrás para, também, ter uma visão crítica em relação ao modo como habitamos o espaço. Porque, muitas vezes, é pura ocupação de espaço, pura marcação de território, puro automatismo. É uma espécie de colonização do território da comunidade, ou do território público. É sonambulismo existencial.

O "tzimtzum" permite olhar para o tempo, não tanto para o espaço, e ouvir os múltiplos tempos que existem dentro de nós. Santo Agostinho, nas *Confissões*, fala de três presentes: o presente das coisas passadas, o presente das coisas presentes, e o presente das coisas futuras. O tempo é superior ao espaço.

Este é um tempo de grande escuta espiritual. Este é o momento para percebermos que a vida não se esgota no momento, no instante, na arquitetura do quotidiano, mas que a vida tem uma respiração muito maior. E nós temos de ouvir os passos do futuro, e dialogar com o futuro de outra forma.

Não tenho dúvidas de que entramos numa nova época da história. A pandemia vai passar. Mas nós já estaremos outra época. Culturalmente noutra época. Civilizacionalmente noutra época. Mas também espiritualmente noutra época da história. É importante que em termos da espiritualidade também nos preparemos para entrar nesse tempo novo, que já é o tempo que estamos a viver. Por isso, não podemos olhar para este momento apenas como um parêntesis, como uma suspensão, e depois vamos voltar a viver tudo o que vivíamos – isso não é ajustado à realidade. Temos de encontrar novas linguagens; este tempo é um laboratório. E temos de ouvir o futuro, que já está aqui, porque, como diz Santo Agostinho, há um presente do futuro.

Uma última dimensão que queria sublinhar é que este tempo de isolamento é muito intenso de relação. E é um tempo de intensificação da relação. Porque é muito viciante, e é um jogo viciado, acharmos que só existe uma forma de presença, ou que a ausência tem sempre o mesmo sentido; que a distância e a proximidade se leem de uma forma unívoca. Não. Muitas vezes estamos próximos e estamos completamente ausentes; muitas vezes encontramos-nos e só esbarramos uns nos outros; muitas vezes estamos em comunidade e somos ilhas, não arquipélagos. E este é um tempo para redescobrir e retrabalhar as histórias de amor. E eu não tenho dúvida de que este tempo faz-nos descobrir tanto, tantas possibilidades.

Na história da cultura do século passado, vemos que grandes obras da literatura, da filosofia, da música, da pintura, da espiritualidade, aconteceram em contextos dramáticos, como o que estamos a viver. Franz Rosenzweig, o grande filósofo, escreveu a sua *Estrela da reden-*

*ção* nas trincheiras da primeira guerra mundial; Messiaen escreveu a sua obra mais famosa, o *Quarteto para o fim dos tempos*, num campo de concentração. A *Guernica*, um dos símbolos da arte do século XX, foi escrita no impacto da guerra civil espanhola.

Uma das grandes místicas do século XX é, sem dúvida, Etty Hillesum, esta jovem holandesa judia, muito próxima do cristianismo, laica e crente ao mesmo tempo, que, podendo escapar do campo de concentração, se oferece como voluntária para nele trabalhar, e nele acaba como prisioneira. E Etty Hillesum diz esta coisa espantosa: este tempo em que parece que a nossa alma soçobra, este é o tempo para olhar os lírios do campo.

Há um desafio enorme neste tempo. E vemos a quantidade de histórias de amor, pequenas histórias, os médicos, os enfermeiros, o pessoal técnico, as pessoas dos laboratórios, tantos sacerdotes, tantas comunidades; mas não só: tantos gestos de amor: as pessoas que dizem, nos seus prédios, aos mais idosos, que vão fazer as compras; aqueles que não querem deixar ninguém para trás; todos esses gestos de amor são alguma coisa que está a transformar este tempo numa catedral.

Como é que eu vejo a espiritualidade neste tempo de pandemia? É um tempo de *kénosis*, mas também de graça; é um tempo de grande precariedade, mas é um tempo para descobrir o *precare*, a força da oração; é um tempo para voltar às grandes perguntas; é um tempo para criar memórias, para ouvir o futuro, para perceber que o tempo é superior ao espaço.

Podemos pensar: este é um ano para esquecer; este é um ano de vida adiada. Há um grande poeta de língua portuguesa, António Ramos Rosa, que tem um verso maravilhoso: «Não posso adiar o coração para outro século». Este não é um tempo para a pura sobrevivência, este é um tempo para sonhos grandes, para projetos maiores do que nós, é um tempo para dar passos novos, para ensaiar novos caminhos, para sair da caixa, para reinventar o formato, para descobrir novas linguagens. É um tempo para sentir coisas que, possivelmente, até aqui não sentimos.

Eu dou um exemplo da porta ao lado. O papa gosta de falar da santidade da porta ao lado. Na praça onde está a casa onde vivo, estão algumas pessoas sem-abrigo. E, claro, eu procuro ser cuidadoso, ser humano e ser próximo. Mas a verdade é que quando nós temos uma casa, e estamos a falar com uma pessoa sem-abrigo, há uma diferença: nós não estamos completamente naquela situação. Para mim, uma das coisas extraordinárias foi, no primeiro mês após a pandemia, sair de casa e perguntar «como está?» à senhora que dorme na rua, e ela perguntar-me: «E você, como está?». E a pergunta era igual. Porque estávamos no mesmo barco, debaixo da mesma tempestade. Penso que esta aprendizagem é de uma riqueza espiritual que nos pode ajudar muito.

Artigo publicado em: [https://www.snpcultura.org/espiritualidade\\_crista\\_em\\_tempo\\_de\\_isolamento\\_cardeal\\_tolentino\\_mendonca.html](https://www.snpcultura.org/espiritualidade_crista_em_tempo_de_isolamento_cardeal_tolentino_mendonca.html)

Intervenção no ciclo "Tecendo redes - Diálogos online de Teologia Pastoral" (2020), 22.4.2020

Fonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, Brasil  
Transcrição: Rui Jorge Martins

# Isto mete-vos medo?

## Mete!, mas

Frei João Costa, OCD

1. Até os bispos estão a desconfinar. Lentamente, como o demais da sociedade.

Em razão da pandemia os nossos bispos não suspenderam a colegialidade, mas tiveram de adiar a via da sinodalidade da Igreja de Cristo que peregrina em Portugal, digo, adiaram-se alguns debates e reuniões. Adiou-se, por exemplo, a reunião em que se elegeu um novo Presidente da Conferência Episcopal, para os próximos três anos. A eleição recaiu, entretanto, no dia 16 de Junho, sobre D. José Ornelas, bispo de Setúbal.

Se aqui ressaltamos esta eleição é porque numa das suas primeiras entrevistas, investido já na qualidade de Presidente da CEP, D. José Ornelas disse em voz alta o que até agora, em Portugal, só se ouvia em voz baixa em algumas ante-sacristias: «Os países cristãos já não são os europeus»; «E nós [Portugal] já não somos um país cristão!»! Creio que isto assustará a não poucos. A entrevistadora, aliás, retorquiu-lhe um «não?» tão apimentado de surpresa e incredulidade, que soou assim: «Não?! Então as estatísticas enganam-nos?...».

Enganam quem quer ser enganado.

2. Sim, felizmente, em Portugal e na Europa, a nossa Igreja já não é polarizadora das vontades nem condicionadora da vida do comum das pessoas; hoje o fazer das sociedades ocidentais já não é pontificado pelo Evangelho — reconhecê-lo é pacificador e instaurador da possibilidade de uma nova esperança para um mundo novo. Por isso, hoje, em Portugal e na Europa, o espírito missionário de saída é tão urgente como entre os africanos, por exemplo. Isto mete-nos medo? — Mete!, mas hoje, como também nas primeiras comunidades cristãs, havemos de manter o coração afinado e atento à voz do Espírito, porque Ele tem sempre algo novo a dizer-nos; e está disposto a dizê-lo também nesta hora, em que a Igreja em Portugal se assume como minoritária, pese embora as estatísticas.

Curiosamente, neste XII domingo escutamos no excerto do Evangelho de São Mateus, que se proclama nas nossas reuniões eucarísticas, uma parte do discurso que o Senhor dirige aos Apóstolos ao enviá-los em missão. Ora, se aqui queremos sublinhar aquelas palavras é por elas serem inspiradoras e orientadoras para o andar dos cristãos de todos os tempos, também para nós, os de hoje, por que sempre somos chamados a testemunhar a Boa Nova de Jesus na vida dos homens e mulheres de cada tempo.

3. Prometendo aos Doze a sua autoridade — «O que vos digo em segredo, dissei-o à luz do dia» — Jesus, instaurar-nos também a nós como portadores da salvação do Reino, que tem de chegar aos famintos e enfermos, aos pobres e injustiçados. E além de nos enviar «como ovelhas para o meio de lobos» — Já não presidimos nem imperamos sobre mansas sociedades, não! — Jesus alerta-nos para a certeza de que ser-se portador do Evangelho não livra dos ardis e falsidades dos inimigos do bem, da verdade e da justiça, que presidem aos tribunais e se sentam nos tronos dos reinos!

O seguimento de Jesus é, pois, também hoje, um trilha de pedras afiadas, pelo que se levamos o Evangelho por autoestradas, em SUV bem acondicionados, não seguiremos bem o caminho do Mestre, que foi perseguido e



injustiçado; e se o perseguiram a Ele, por que estaríamos nós acima do que Ele sofreu?

4. Seguir Jesus é revestirmo-nos de Jesus, e afeiçoar as costas à cruz; que no anúncio do Evangelho não há outro trilha nem feição.

5. No Evangelho deste domingo, prende-me mais a atenção, porém, a palavra «segredo». Então não é que as palavras de Jesus ditas por Ele em segredo, têm força de revolução? Vejamos, com atenção:

Existem palavras, ações e milagres de Jesus ditos e realizados às claras — todos os puderam ver e todos os podem testemunhar; e existem palavras de Jesus que foram ditas no segredo, quero entender: na intimidade do grupo dos Apóstolos, junto ao ouvido do coração de cada um deles; porém, o dito ao ouvido, foi dito para vir a ser proclamado mais tarde sobre os telhados. Tais palavras ditas por Jesus em segredo não diferirão das já publicadas, mas contêm incisos e explicitações a que só eles tiveram acesso pela via da amizade e da intimidade com o Senhor. Urge-lhes, por isso, Jesus, que futuramente eles as digam às claras, publicamente, em todos os areópagos, e a todos sem exceção!

Uma coisa tenham por certa, porém: tal exercício de proclamação das palavras de Jesus que sanam e libertam, pode levar ao medo de quem as diz, porque os oficiais do medo, mais interessados em manter esquemas enfermicos e constrangedores, não lhes perdoarão que as digam e as proclamem!

Tenhamos nós, também por certo, aquilo que Paulo saboreou em sua vida (além das perseguições, claro): a Palavra é semente eficaz e fecunda, e não pode ser acorrentada por ninguém, por todo o tempo do mundo! Custe o que custar os confinados a viver na esconcez dos forrinhos não-de alcançar ouvir as palavras de Jesus serem proclamadas sobre os telhados! Mete-nos isto medo? Mete. E teremos de ser nós a dizer tais palavras? Temos. E de dizê-las a esta sociedade indiferente e pós-cristã?

Também temos de ser nós, sim, que outros não há! Podem os corações dos nossos contemporâneos restar refastelados, desagradecidos, ou despercebidos das palavras que verdadeiramente regeneram, refundam e alimentam, porém, Jesus atira-nos continuamente para a missão, desafiando-nos a criar gestos novos e linguagens novas, que cheguem a tais corações adormilados!

6. Medo, qual medo? Tenhamos medo, isso sim, se guardarmos só para nós as palavras que Jesus nos disse ao coração, porque foram ditas no segredo, para serem proclamadas a fim de incendiarem corações e fazer sonhar um mundo novo!